

Pacientes do Reino Unido têm prevalência maior de lesões de pele na região genital e anal e menor queixa de cansaço e febre do que infectados em surtos anteriores da doença. Cientistas sugerem revisão nos critérios atuais de diagnóstico

Varíola do macaco com sintomas distintos

O primeiro estudo sobre o atual surto de varíola dos macacos no Reino Unido relata diferenças importantes nos sintomas dos pacientes em relação aos observados em surtos anteriores em outras partes do mundo. Depois de surgir na Europa em maio deste ano, o vírus monkeypox, identificado, pela primeira vez, na década de 1970, na África, espalhou-se pelo mundo. No Brasil, já são 48 casos confirmados, segundo dados de ontem do Ministério da Saúde.

O estudo, publicado na revista *The Lancet Infectious Diseases*, analisou 54 pacientes que compareceram a clínicas de saúde sexual em Londres, no Reino Unido, e foram diagnosticados com varíola dos macacos em maio. Os resultados sugerem que os indivíduos dessa coorte tiveram uma prevalência maior de lesões de pele na região genital e anal e menor queixa de cansaço e febre do que em surtos da doença previamente estudados. Com base nas descobertas, os autores sugerem que as definições atuais de diagnóstico devem ser revisadas para ajudar a identificar corretamente os casos.

Os autores também prevêem que a alta prevalência de lesões de pele genital em pacientes e a alta taxa de infecções sexualmente transmissíveis concomitantes significam que as clínicas de saúde sexual provavelmente verão casos adicionais de varíola no futuro. Eles pedem mais recursos para apoiar os serviços no gerenciamento dessa condição.

"Atualmente, o Reino Unido e vários outros países estão vendo um rápido aumento nos casos de varíola entre indivíduos que

frequentam clínicas de saúde sexual, sem ligações aparentes com países onde a doença é endêmica", disse o principal autor, Nicolo Girometti, do Hospital Chelsea & Westminster Hospital Fundação NHS Trust. "O monkeypox é um novo diagnóstico dentro do cenário de saúde sexual, e nosso estudo, o primeiro a publicar sobre casos desse surto no Reino Unido, apoiará a descoberta de casos futuros e norteará o atendimento clínico."

Os pesquisadores coletaram dados de pacientes com varíola em quatro centros de saúde em Londres. Casos confirmados foram definidos como indivíduos com infecção detectada laboratorialmente por meio do teste PCR-RT. Os cientistas também consideraram informações sobre o histórico de viagens, de atividade sexual e os sintomas clínicos dessas pessoas. Indivíduos diagnosticados com varíola receberam aconselhamento sobre medidas de isolamento e foram avaliados regularmente ao longo do tempo, por telefone.

Contato direto

Os 54 pacientes observados apresentam 60% dos casos relatados no Reino Unido durante o período de estudo (12 dias). Todos, exceto dois, não sabiam ter tido contato com um caso conhecido e nenhum deles relatou viagens à África Subsaariana, mas muitos visitaram recentemente outros países europeus.

Todos eles se identificaram como homens que fazem sexo com homens e têm idade mediana de 41 anos. Noventa por cento dos que responderam às perguntas sobre atividade sexual

ARUN SANKAR



Checagem de sintomas da doença em aeroporto na Índia: possíveis mudanças no protocolo

relatarem pelo menos um novo parceiro nas três semanas anteriores aos sintomas, e quase a totalidade (49/52) revelou uso inconsistente do preservativo no mesmo período. Mais da metade dos pacientes teve mais de cinco parceiros sexuais nas 12 semanas anteriores ao diagnóstico.

Os pacientes eram todos sintomáticos e apresentavam lesões de pele; 94% tinham pelo menos uma na região genital ou perianal. A maioria teve uma doença leve e se recuperou durante o isolamento domiciliar, mas cinco indivíduos necessitaram de internação hospitalar devido à dor ou à infecção das erupções cutâneas. Porém, 100% desses melhoraram e receberam alta em sete dias.

"O sintoma comumente observado de lesões de pele nas áreas anal e peniana e o fato de um quarto dos pacientes

testarem positivo para gonorréia ou clamídia ao mesmo tempo que a infecção por varíola dos macacos sugerem que a transmissão do vírus nessa coorte ocorreu pelo contato direto da pele. Por exemplo, no contexto da atividade sexual", diz Ruth Byrne, coautora do estudo "No entanto, essa descoberta pode ser tendenciosa pelo fato de sermos provedores de saúde sexual e, portanto, pode não refletir a transmissão na população em geral".

De acordo com Byrne, é possível que em vários estágios da infecção a varíola do macaco possa imitar doenças sexualmente transmissíveis comuns, como herpes e sífilis, em sua apresentação. "É importante que os médicos e pacientes estejam cientes dos sintomas da varíola dos macacos, pois o diagnóstico

incorreto da infecção pode impedir a oportunidade de intervenção adequada e a prevenção de transmissões."

Limitações

O estudo também observou diferenças importantes nas características clínicas da coorte analisada em comparação com casos de surtos anteriores ocorridos em outros países. Uma proporção menor dos pacientes relatou se sentir fraco e cansado e/ou ter febre e, além disso, 18% não relataram nenhum sintoma precoce antes do início das lesões cutâneas.

"Dada a rota sugerida de infecção por contato sexual e o número de descobertas clínicas diferentes das descrições anteriores, sugerimos que as definições de caso, detalhando sintomas como doença aguda com febre, devem ser

» Casos triplicam na Europa

A Organização Mundial da Saúde (OMS) pediu ontem a adoção de medidas urgentes para conter a propagação da varíola do macaco na Europa, onde os casos triplicaram nas últimas duas semanas. O continente contabiliza cerca de 4,5 mil diagnósticos, o que corresponde a 90% dos registrados mundialmente desde meados de maio, quando a doença, até então considerada endêmica apenas em 10 países africanos, começou a ser notificada na Europa. "É imperativa uma ação urgente e coordenada nos próximos meses para evitar que a doença se espalhe em áreas geográficas maiores", alertou o diretor regional da OMS para a Europa, Hans Henri Kluge, em comunicado.

revisadas para melhor se adaptar à atual situação", disse Girometti. "Com base nos nossos resultados, pelo menos um em cada seis pacientes do grupo que estudamos não teria sido encaixado como caso provável", alerta.

Os autores reconhecem algumas limitações do estudo, principalmente sua natureza observacional e retrospectiva. Além disso, os dados estão sujeitos a vieses de seleção, pois as orientações atuais e os materiais de promoção da saúde solicitam testes de varíola em indivíduos sintomáticos que se autodefinem como homens que fazem sexo com homens. Os autores alertam que as descobertas podem não ser representativas do surto geral e enfatizam que é importante permanecer alerta para a possibilidade de disseminação para outros grupos.

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

Segunda-feira, 27 EMERGÊNCIA NOS OCEANOS

O mundo enfrenta uma "emergência" nos oceanos que ameaça a natureza e a humanidade, advertiu o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Antonio Guterres, no início de uma conferência sobre o assunto, em Lisboa. Em pronunciamento dirigido a milhares de representantes de governos, especialistas e ativistas do meio ambiente que acompanharam os debates, Guterres assinalou que mudanças climáticas e poluição são responsáveis por grande parte do problema. A humanidade depende da saúde dos oceanos e 50% do oxigênio que respiramos é gerado no mar. Além disso, a vida marinha fornece proteínas essenciais e nutrientes que alimentam bilhões de pessoas a cada dia. Os oceanos cobrem 70% da superfície terrestre, amortecem o impacto das mudanças climáticas para a vida na Terra, com um custo associado significativo. Na conferência, especialistas assinalaram que a acidificação dos oceanos provocada pelo CO2 e as ondas de calor no mar, que podem durar vários meses, continuam mantendo os recifes de corais, dos quais dependem 25% da vida no mar e quase 250 milhões de pessoas.



AFP



AFP

Terça-feira, 28 ESCULTURA PRÉ-HISPÂNICA ENCONTRADA NO PERU

Uma escultura de madeira foi encontrada em um centro cerimonial da cidadela pré-hispânica de Chan Chan, no norte do Peru, anunciou o arqueólogo Arturo Paredes, chefe do projeto estatal especial que investiga a região. Com 50 cm de altura e 16 cm de largura, a obra tem entre 850 e 1470 anos, o que corresponde ao período inicial da cultura Chimú, segundo o especialista. Paredes explicou que a descoberta ocorreu na Huaca Takaynamo, uma arquitetura piramidal de Chan Chan. O complexo arqueológico pré-hispânico está nos arredores da cidade de Trujillo, cerca de 500 km ao norte de Lima, na costa. Chan Chan foi construída com adobe e barro, sendo a maior cidade da América e do mundo erguida com esse material. "A escultura representa um portador de liteira de um governante Chimú, e é uma das mais antigas que encontramos na área", explicou o pesquisador. O personagem usa um boné com corte trapezoidal na parte superior, decorado com sete faixas verticais de cores claras e escuras alternadas. Seu rosto é plano, de corte oval e pintado de vermelho.

Quarta-feira, 29 O UNIVERSO COMO JAMAIS VISTO

A agência espacial dos Estados Unidos, vai revelar no próximo dia 12 a "imagem mais profunda do nosso universo já obtida", graças ao recém-lançado Telescópio Espacial James Webb. A informação é de Bill Nelson, administrador da Nasa. "Se você pensar sobre isso, é o mais longe que a humanidade já viu", afirmou Nelson durante uma entrevista coletiva no Instituto de Ciências do Telescópio Espacial em Baltimore, o centro de operações do observatório de US\$ 10 bilhões lançado em dezembro do ano passado e que agora orbita o Sol a 1,5 milhão de km da Terra. Uma maravilha da engenharia, o James Webb é capaz de espiar mais longe no espaço do que qualquer outro telescópio já fez, em decorrência do seu enorme espelho principal e instrumentos de foco infravermelho, permitindo que sua visão atravesse gás e poeira cósmicos. As capacidades de infravermelho do telescópio Webb nos permitem olhar mais para trás no tempo para o Big Bang, que ocorreu há 13,8 bilhões de anos.

Quinta-feira, 30 INCÊNDIOS FLORESTAIS CADA VEZ MAIS LONGOS

Um estudo conduzido por uma equipe internacional de cientistas mostra que a mudança climática por fatores ligados à ação humana impulsiona a ocorrência de incêndios florestais por todo o planeta, com mudanças significativas nos últimos 40 anos. Ao analisar modelos climáticos, o grupo liderado pela Universidade de East Anglia, no Reino Unido, constatou que a duração da temporada de incêndios aumentou 14 dias por ano (27%) durante 1979 e 2019, e que a frequência de dias com clima de incêndio extremo aumentou 10 dias por ano (54%) no mesmo período. Os aumentos foram particularmente pronunciados no oeste da América do Norte, na Amazônia e no Mediterrâneo. Detalhes do trabalho foram publicados na revista *Reviews of Geophysics*.